

CONTOS DE S.PETERSBURGO

NIKOLAI GOGOL

Tradução de Luís Coimbra e José Remelhe



Índice

NEVSKY PROSPEKT	11
O DIÁRIO DE UM LOUCO	45
O NARIZ	67
O COCHE	93
O RETRATO	105
O CAPOTE	159

Um apontamento sobre Nikolai Gogol

Quando Dostoiévski declarou que “todos nós saímos de *O Capote* de Gogol”, pouco mais ficou por dizer acerca da importância deste gigante da literatura Russa e mundial. Hoje, cerca de cento cinquenta anos após a sua morte, torna-se cada vez mais importante reincidir na sua obra e nas suas ideias. No que refere à literatura Russa e aos seus anos de ouro, é impossível não distinguir um “antes” e um “depois” de Nikolai Vasilievich Gogol. Pai do realismo moderno, mestre do romantismo, amadurecido criador de sátiras à corrupção e burocracias do Império Russo, todos estes nomes lhe encaixaram como uma luva. Os contos que se encontram neste volume, reúnem entre si, as maiores qualidades de Gogol e são um desfile das suas qualidades literárias ao mais alto nível. Não vou falar da sua vida de modo biográfico, nem fazer uma análise profunda à sua obra. A obra está devidamente estudada e documentada, e sobre ele já outros génios como Vladimir Nabokov escreveram centenas de páginas. Queria apenas deixar uns apontamentos sobre o homem por trás da obra.

Nascido no que hoje é território ucraniano, filho de pai Cossaco e mãe Polaca, Gogol partiu cedo para São Petersburgo, cheio de esperanças e expectativas. Como disse Vladimir Nabokov no seu ensaio biográfico sobre Gogol e a sua obra: “Para o desenvolvimento do seu génio excêntrico, Gogol, como artista de vinte anos, estava exactamente na cidade em que devia estar, como jovem sem emprego, a tremer na neblina de São Petersburgo, tão lugubrememente fria e cinzenta em comparação com a sua Ucrânia.” Sonhava alcançar o sucesso literário e a fama, mas cedo o destino lhe pregou

a primeira partida. Como era comum na altura, a sua primeira incursão à literatura foi feita sob um pseudónimo. O resultado foi catastrófico, pois a crítica foi implacável e destrutiva. Gogol, num impulso, correu a comprar todos os exemplares da obra e queimou-os, jurando nunca mais escrever poesia na sua vida. Nesta altura, torna-se importante mencionar a situação que se segue, pois além de esta ser comum a outros criadores, veio a revelar-se um padrão de comportamento ao longo do resto da sua vida. Sem nada que o fizesse prever, Gogol deixou a cidade e fugiu para o estrangeiro, com dinheiro enviado pela sua mãe, para fins completamente diferentes. Fugiu para o estrangeiro, e o que se pode constatar mais tarde, é que após cada fracasso, Gogol partia apressadamente de qualquer cidade onde estivesse. Podíamos olhar para este comportamento como compulsivo, digno de estudo psiquiátrico. Mas o que de mais interessante li sobre o tema, foi sem dúvida a análise em que estas coisas foram relegadas para segundo plano, dando ênfase a que isto era “Gogol no seu melhor”. Um Gogol que se serve da imaginação para fabricar complexas e desnecessárias mentiras nas cartas à sua mãe, para justificar a sua partida. E foi tão hilariante a leitura de uma das suas cartas, que não resisto a deixar aqui a transcrição dos seus ardilosos esquemas descritos pela pena de Vladimir Nabokov:

“A parte da carta de que a ficção não se ocupa directamente é, típica do carácter de Gogol. Depois de ter calmamente contado à mãe que ficara com dinheiro que não lhe pertencia, jura solenemente que nunca mais voltará a pedir-lhe um cêntimo que fosse, e então, da maneira mais casual, pede-lhe mais cem rublos.”

Não serve esta transcrição para denunciar um comportamento menos nobre do autor. Mas sim para que melhor conheçamos o homem por trás da pena. O carácter humano e a fraqueza que demonstra (se dúvidas houvessem), que mesmo os mais geniais criadores foram diferentes nas várias fases da sua vida. Os cem rublos seriam uma dívida que descreveu da seguinte forma: “Se um dia calhar de dispor de algum dinheiro, queira enviar, por favor, cem rublos a Danilevskii: é que fiquei com o seu capote de peles para a viagem e com alguma roupa interior, para não precisar de nada no estrangeiro.”

Mais tarde, Gogol regressou a São Petersburgo tão inesperadamente como partira. Dando sempre a ideia que era uma sombra que vivia a sua vida real e que o seu génio vivia nos seus livros. Viveu a fugir do funcionalismo público, e conseguiu com a ajuda de um amigo, substituí-lo pelo ensino. Mas também nunca encontrou a sua vocação no ensino.

A partir de 1832, escreveu com grande energia, e em 1836, afirmou-se a si próprio e ao mundo literário. De 1836 a 1848 viveu na Alemanha, Suíça, França, assentando em Roma. Nos seus anos de glória e exílio escreveu algumas das suas obras mais importantes. Depois do sucesso, veio o declínio e a morte. As suas relações religiosas vieram reforçar uma ideia de que a perdição lhe estava reservada, devido ao pecado que era a sua criação literária. A saúde dele degradou-se, e os tratamentos médicos da altura, que não eram mais do que teorias de talhantes e violentas práticas, degradaram-no de tal forma que caiu numa profunda depressão. Consta que numa noite de 1852, queimou alguns dos seus manuscritos, e que disso se viria a arrepender. “Foi uma partida que o Diabo me pregou.” Pouco depois recolheu à cama, recusou toda a comida e veio a morrer nove dias depois em grande sofrimento.

Talvez a sua vida tenha sido longa para o usual nos grandes escritores ou artistas da altura. Mas sem dúvida foi curta para todos aqueles que admiram o seu trabalho que se tornou eterno. Cento e cinquenta anos mais tarde, Gogol continua a mostrar uma habilidade sem igual, uma visão única, um domínio da palavra e uma eloquência, que lhe reservam um lugar proeminente em qualquer biblioteca onde constem os maiores nomes da literatura mundial.

O Editor
António Vilaça Pacheco

Nevsky Prospekt

Tradução de José Remelhe

Nada se compara à Nevsky Prospekt, pelo menos em Petersburgo, pois nela é tudo para esta cidade. Não há nada que não resplandeça nesta avenida, beleza da nossa capital! Sei que nem um dos pálidos funcionários públicos que aí residem trocaria a Nevsky Prospekt por qualquer outro lugar no mundo. Não apenas o morador de vinte e cinco anos, com um viçoso bigode e uma sobrecasaca de corte extraordinário, mas também o que tem pêlos grisalhos a brotar do queixo e a cabeça macia como uma travessa de prata, também ele está apaixonado pela Nevsky Prospekt. E as damas! Oh, as damas consideram a Nevsky Prospekt ainda mais aprazível. Para dizer a verdade, quem é que não a considera aprazível? Assim que se dá um passo na Nevsky Prospekt, de imediato se sente o aroma da festividade que paira no ar. Ainda que se tenha algum tipo de assunto urgente e imprescindível a tratar, assim que ali se desemboca, esquecem-se todos os assuntos. Este é o único local aonde as pessoas vão sem ser por necessidade, onde não são impelidas pela urgência e pelo interesse comercial que envolvem toda a cidade de Petersburgo. Os homens que pela Nevsky Prospekt pululam parecem menos acometidos do egoísmo do que aqueles que andam pelas ruas Morskaya, Gorokhovaya, Liteiny, Meshchanskaya, e por outras avenidas onde a ganância, o egocentrismo e a necessidade transparecem nos transeuntes ou nos que se fazem transportar em carruagens ou *droshkies*¹. A Nevsky Prospekt é o ponto de comunicação universal

¹ Carruagem aberta de quatro rodas típica da Polónia e da Rússia. [N. do T.]

de Petersburgo. Aqui, o residente da margem de Petersburgo ou de Vyborg, que há muitos anos não visita um amigo em Peski ou na Barreira de Moscovo, pode ter a certeza absoluta de que o irá encontrar. Nenhum guia ou posto de informações dará esclarecimentos tão fiáveis quanto a Nevsky Prospekt. A imponente Nevsky Prospekt! O único entretenimento para um homem de fracos recursos nas festividades de Petersburgo! Como são asseadas as calçadas e, só Deus sabe, quantos pés ali deixaram os seus vestígios! A desajeitada e imunda bota do soldado desmobilizado, sob o peso da qual o granito parece estalar, e o minúsculo sapato, leve como o ar, da jovem donzela, que volta a cabeça para as resplandecentes montras como o girassol volta a flor para o astro-rei, e o tilintante gládio do esperançoso subtenente que ali deixa um pungente rasto... tudo desaba na avenida com o poder da pujança ou o poder da fraqueza. Que vigorosa fantasmagoria ali se processa no decorrer de um só dia! A quantas mudanças é sujeita no decurso de um único dia e uma única noite!

Começemos pelo romper da aurora, quando toda a Petersburgo emana um odor a pão quente acabado de cozer e fervilha de anciãs com vestidos e capas andrajosos fazendo o peditório nas igrejas e junto dos transeuntes misericordiosos. A essa hora, a Nevsky Prospekt está vazia: os apumados proprietários das lojas e os respectivos caixeiros ainda dormem nas suas camisas de noite holandesas ou estão a ensaboar os fidalgos rostos e a beber café; os pedintes agrupam-se perto das pastelarias, onde um ensonado Ganimedes², que ainda no dia anterior revolteava como uma mosca servindo o chocolate, sai à rua sem gravata, de vassoura em riste, e lhes arremessa bolos rançosos e outros restos. Descem a rua populares serviçais, ocasionalmente, passam mujiques russos, apressados para o trabalho, com as botas incrustadas de visco que nem mesmo o canal de Ekaterininsky, famoso pela pureza das suas águas, conseguiria lavar. De um modo geral, esta hora não é adequada para as damas perambularem, pois o povo russo gosta de se exprimir em termos de tal forma desabridos que é pouco provável que mesmo no teatro as damas tenham alguma vez ouvido tais expressões. Um ocasional funcionário ensonado passará caminhando pensativamente, com a pasta debaixo do braço, caso tenha de passar pela Nevsky Prospekt para chegar ao escritório. Decididamente, poder-se-ia dizer que a esta hora, ou seja, até ao meio-dia, a Nevsky Prospekt não

² Ganimedes, personagem da mitologia grega, amante de Zeus. [N. do T.]

é destino para ninguém, serve unicamente de passagem, enchendo-se gradualmente de gente que tem aqui a sua ocupação, as suas preocupações, as suas aflições, mas que nem sequer a racionaliza. O mujique russo conversa sobre as suas dez coroas ou alguns trocados, os velhos e velhas gesticulam com os braços e falam com os seus botões, por vezes com trejeitos assaz expressivos, porém, ninguém lhes presta atenção ou se ri deles, à excepção talvez dos petizes, trajando camisetas de tecido caseiro, levando nas mãos garrafas vazias ou calçado consertado, e que passam como relâmpagos pela Nevsky Prospekt. A esta hora, não obstante a indumentária que o transeunte possa envergar, ainda que use um boné em vez de uma cartola, ou ainda que o colarinho sobressaia por cima da gravata, ninguém irá reparar.

Ao meio-dia, a Nevsky Prospekt é invadida por preceptores de todas as nacionalidades com os seus instruendos de colarinhos de cambraia. Britânicos e franceses caminham de braço dado com os instruendos confiados à sua guarda e, com uma seriedade adequada, explicam-lhes que os letreiros por cima das entradas das lojas foram criados para que, graças a eles, seja possível saber-se o que se pode encontrar no interior. As preceptoras, senhoritas de tez pálida e eslavas rosadas, caminham majestosamente atrás das suas meninas, ligeiras e irrequietas, explicando-lhes que devem levantar um pouco mais os ombros e endireitar as costas. Em suma, a esta hora, a Nevsky Prospekt é uma avenida pedagógica. Porém, com o aproximar das catorze horas, o número de preceptores, pedagogos e crianças vai diminuindo, sendo finalmente superado pelos respectivos e extremosos progenitores, que levam pelo braço as resplandecentes, multicoloridas e ansiosas companheiras. Gradualmente, juntam-se a eles todos aqueles que concluíram as suas importantes tarefas domésticas, designadamente: trocar com o médico impressões sobre o tempo e sobre uma pequena borbulha que apareceu no nariz, informarem-se sobre o estado de saúde dos respectivos cavalos e descendentes que, aliás, revelam promissores talentos, ler um anúncio no jornal e um importante artigo sobre chegadas e partidas, e, finalmente, tomar uma chávena de café ou de chá. A estes, juntam-se aqueles a quem um invejável destino outorgou o afortunado cargo de funcionários extranumerários. Juntam-se-lhes aqueles que trabalham nos Negócios Estrangeiros e se distinguem pela aristocracia dos seus cargos e indumentárias. Por Deus, como são belos alguns cargos e serviços! Como elevam e regalam a alma! Porém, lamentavelmente, não

estou ao serviço e é-me negado portanto o contentamento de fruir do trato delicado dos meus superiores. Tudo o que se encontra na Nevsky Prospekt está arraigado de decência: os homens envergam compridas sobrecasacas, com as mãos enfiadas nos bolsos, as damas redingotes de cetim e chapéus cor-de-rosa, brancos ou azul-celestes. É possível vislumbrarem-se aqui invulgares suíças, escondidas com extraordinário e admirável engenho por debaixo da gravata, suíças aveludadas, suíças acetinadas, negras como a zibelina ou o carvão, porém, lamentavelmente, apanágio exclusivo daqueles que trabalham nos Negócios Estrangeiros. A Providência negou o uso de suíças negras àqueles que prestam serviço noutros departamentos. Esses, por muito desagradável que lhes seja, estão cingidos a usá-las ruivas. Aqui podem encontrar-se prodigiosos bigodes, que nenhuma pena ou pincel consegue retratar, bigodes aos quais se dedica toda uma vida, objecto de longas vigílias de dia e de noite, bigodes sobre os quais se pulverizaram delicados perfumes e aromas, e que foram untados com as mais exóticas e preciosas pomadas, bigodes que são envoltos durante a noite em fino papel velino, bigodes que são alvo do mais tocante afecto do seu dono e que são cobiçados por quem por eles passa. Milhares de modelos de cartolas, vestidos e xailes (de cores alegres, etéreas, pelos quais a afeição das suas possuidoras chega por vezes a durar dois dias inteiros) deslumbram quem quer que passe na Nevsky Prospekt. Fazem lembrar um mar de borboletas levantando subitamente voo dos caules, assemelhando-se a uma brilhante nuvem sobre os negros besouros do sexo masculino. Aqui é possível encontrarem-se cinturas como nem em sonhos se avistam, cinturas esbeltas e delgadas, em tudo semelhantes ao gargalo de uma garrafa. Quando nos deparamos com uma cintura assim, cedemos passagem com deferência, para não correremos o risco de, imprudentemente, lhe tocarmos com um rude cotovelo. Timidez e receio acometem o nosso coração, não fora dar-se o caso de o nosso imprudente hálito de algum modo esfumar a mais bela obra de arte da natureza. E que sublimes mangas femininas se podem vislumbrar na Nevsky Prospekt! Ah, que beleza! Assemelham-se de algum modo a dois balões, fazendo crer que a dona poderia subitamente levitar não fosse o cavalheiro estar a cingi-la por um braço, pois fazer uma dama levitar é algo tão apazível como levar aos lábios uma taça de champanhe. Em nenhum outro lugar as pessoas fazem reverências ao cruzarem-se com tal fidalguia e desapego como na Nevsky Prospekt. Aqui, encontra-se

aquele invulgar sorriso, o clímax da genialidade, que por vezes nos faz derreter de deleite, ou que, amiúde, nos faz sentir insignificantes, e nos leva a baixar a cabeça, ou que, ainda, às vezes, nos faz sentir imponentes, levando-nos a levantá-la bem alto. Aqui se encontram pessoas que trocam impressões sobre um concerto ou sobre o estado do tempo com extraordinária distinção e sentido da própria dignidade. Aqui se encontram miríades de inconcebíveis personagens e fenómenos. Ó Criador! Que inusitadas personagens se podem encontrar na Nevsky Prospekt! Há uma hoste de indivíduos que, ao cruzarem-se connosco, invariavelmente miram o nosso calçado, e, depois, voltam-se para observarem as abas dos nossos casacos. Ainda hoje, não consigo compreender o motivo para tal. A princípio, pensei tratarem-se de sapateiros, mas não, não é por isso: na sua grande maioria, trabalham em diversos departamentos, sendo que muitos deles são perfeitamente capazes de redigir uma missiva de carácter oficial que circulará pelas instituições públicas; ou então, são indivíduos que se dedicam a deambular e a ler jornais nas pastelarias — em suma, são quase todas pessoas decentes. A esta bendita hora, entre as catorze e as quinze, quando se pode dizer que a Nevsky Prospekt é uma capital em movimento, decorre uma grandiosa exibição dos melhores produtos da humanidade. Este exhibe uma sobrecasaca enfatuada com as melhores peles, aquele mostra um belíssimo nariz grego, um terceiro é portador de umas suíças sublimes, um quarto de um par de belos olhos e de uma admirável pequena cartola, um quinto patenteia um anel de sinete com um talismã no dedo mindinho, uma sexta um pequeno pezinho num encantador botim, um sétimo uma gravata de se lhe tirar o chapéu, um oitavo um assombroso bigode. Porém, assim que batem as quinze badaladas, a exibição termina, a multidão definha... Às quinze horas, acontece nova mudança. Subitamente, a Primavera chega à Nevsky Prospekt: fica repleta de funcionários de verde vestidos. Esfaimados conselheiros titulares³, áulicos, e outros apressam-se com toda a sua autoridade. Jovens registadores de colégio, secretários de província e de colégio apressam-se no intuito de aproveitarem o tempo livre para uma caminhada pela Nevsky Prospekt com uma atitude que sugere que não passaram seis horas sentados num gabinete. Mas os velhos registadores de colégio, conselheiros titulares e áulicos caminham energicamente, com as ca-

³ Um dos graus por que eram graduados os funcionários russos segundo uma hierarquia civil. Neste texto, há referência a vários graus. [N. do T.]

beças baixas: não podem preocupar-se em deitar o olho aos transeuntes, pois ainda não se apartaram o suficiente dos seus afazeres, levam preocupações nas cabeças e uma pasta de arquivo completa de casos por concluir. Durante muito tempo, não conseguem ver outra coisa senão um caixote a transbordar de papéis ou o rosto rechonchudo do chefe de repartição.

A partir das dezasseis horas, a Nevsky Prospekt fica às moscas e raramente se consegue avistar um funcionário que seja. Alguma costureira atravessa a Nevsky Prospekt a correr com uma caixa nas mãos; alguma insignificante vítima do oficial de diligências, rebaixada a mendigar com o seu casacão grosseiro de frisa; algum excêntrico visitante para quem todas as horas são iguais; alguma alta e esgrouviada inglesa com um retículo e um livro na mão; algum agente de uma empresa, um russo envergando uma sobrecasaca de algodão cingida atrás, com uma pequena e estreita barbela, que leva uma vida precipitada, todo ele movimento (costas, braços, pernas e cabeça) ao descer a rua com deferência; aqui e além, um modesto artesão; não anda mais ninguém pela Nevsky Prospekt.

Mas assim que o lusco-fusco tolda os edifícios e as artérias, o guarda se resguarda com uma serapilheira e sobe o escadote para acender o lampião, e estampas que não ousam mostrar-se à luz do dia espreitam pelas humildes montras das lojas, é então que a Nevsky Prospekt, uma vez mais, ganha vida e começa a agitar-se. Chega então aquela hora enigmática em que os candeeiros velam todas as superfícies com uma insidiosa e sobrenatural luminosidade. Afloram em grande número os jovens, principalmente solteiros, com confortáveis sobrecasacas ou sobretudos. A essa hora, está patente uma sensação de intento, ou melhor, de algo que se assemelha a intento, algo extraordinariamente inexplicável. Os passos de todos os viandantes aligeiram-se e, de um modo geral, tornam-se irregulares. Longas sombras perpassam pelas paredes e pela calçada, e as suas cabeças quase roçam a Ponte Politseiski. Os jovens registadores de colégio, secretários de província e de colégio passeiam-se demoradamente de um lado para o outro. Porém, a maior parte dos velhos registadores de colégio, conselheiros titulares e áulicos ficam em casa, ou porque são casados, ou porque as suas refeições são extremosamente preparadas pelas suas cozinheiras alemãs particulares. A esta hora, irão encontrar-se os mesmos respeitáveis anciãos que, às catorze horas, deambulavam pela Nevsky Prospekt com

desmesurada solenidade e invulgar distinção. Serão vistos numa correria, tal como os jovens registadores de colégio, para espreitarem de baixo do chapéu de uma dama que avistaram ao longe, e cujos grossos lábios e faces rosadas de *rouge* tanto agradam a muitos dos passantes, principalmente caixeiros, agentes de empresas, lojistas, sempre trajando sobrecasacas alemãs, que se passeiam em grupos e *grosso modo* de braços entrelaçados.

— Espere! — gritou o tenente Pirogov naquele instante, puxando violentamente o jovem de fraque e capa que seguia a seu lado. — Reparou naquilo?

— Reparei, uma bela moçoila, uma verdadeira Bianca de Perugino⁴.

— Mas a qual se refere?

— Àquela dos cabelos negros. E que olhos! Meu Deus, que olhos!

O porte, a silhueta, e o formato do rosto... uma maravilha!

— Refiro-me à loira que seguia atrás dela na mesma direcção. Porque não vai atrás da morena, já que gostou tanto dela?

— Oh, como poderia fazer tal coisa? — exclamou o jovem de fraque, enrubescendo. — Como se ela fosse do género de deambular pela Nevsky Prospekt a esta hora. Trata-se certamente de uma fidalga — prosseguiu, suspirando —, só a capa vale uns bons oitenta rublos!

— Seu papalvo! — bradou Pirogov, empurrando-o na direcção em que adejava a resplandecente capa. — Vá lá, seu tolo, antes que ela se escape! Eu vou atrás da loira!

Os dois amigos separaram-se.

« Nós bem sabemos como elas são », pensou Pirogov com um sorriso de gozajo e confiança, certo de que nenhuma beleza conseguiria resistir-lhe.

O jovem de fraque e capa avançou com passos inseguros e vacilantes na direcção em que, a alguma distância, esvoaçava a multicolorida capa, agora submersa em luz intensa ao acercar-se de um lampião, mergulhando abruptamente na penumbra depois de por ele passar.

O coração do jovem palpitava intensamente, e estugava o passo involuntariamente. Nem sequer se atrevia a sonhar em almejar qualquer direito a galantear a formosa rapariga que adejava à distância, quanto mais aceitar o obscuro pensamento que o tenente Pirogov insinu-

⁴ Referência a uma Nossa Senhora pintada por Pietro Vannucci, conhecido por o Perugino, num fresco (*A Adoração dos Reis Magos*) existente na Capela de Santa Maria dei Bianchi. [N do T]

ara. O jovem pretendia apenas contemplar a habitação, ficar a saber onde residia esta beldade, que parecia ter descido directamente dos céus até à Nevsky Prospekt, e que, indubitavelmente, esvoaçaria outra vez vá-se lá saber para onde. Avançava de tal modo lesto que tinha de empurrar continuamente serenos cavalheiros com suíças grisalhas para fora do passeio. Este jovem pertencia a uma classe que representa um fenómeno bastante inusitado entre nós e enquadra-se no lote de cidadãos de Petersburgo tanto quanto uma pessoa que nos aparece num sonho se enquadra no mundo real. Este excepcional grupo é extremamente invulgar numa cidade onde todos pertencem à classe dos funcionários, dos lojistas ou dos artesãos germânicos. Este pertencia à classe dos artistas. Um estranho fenómeno, não é assim? Um artista de Petersburgo! Um artista numa terra de neves, um artista na terra dos finlandeses, onde tudo é húmido, macio, plano, descorado, cinzento, nebuloso. Estes artistas em nada se assemelham aos artistas italianos, que são altivos, ardentes, como a própria Itália e o seu céu. Pelo contrário, na sua maioria, são indivíduos dóceis, tímidos, despreocupados, nutrindo um mudo amor pela sua arte, que bebem chá com os seus dois amigos num pequeno quarto, conversam com modéstia sobre o seu tema preferido e são absolutamente indiferentes a tudo o que é supérfluo. Estes artistas têm por hábito convidar para suas casas uma velha pedinte e obrigá-la a permanecer sentada durante umas boas seis horas com o fito de transpor para a tela a sua tocante e impassível expressão. Retratam os próprios aposentos em perspectiva, desenhando todos os tipos de utensílios artísticos: braços e pernas de gesso enegrecidos pelo tempo e pela poeira, cavaletes partidos, uma paleta caída, um amigo tocando guitarra, paredes manchadas de tinta, e uma janela aberta pela qual se consegue vislumbrar o descorado Neva e pobres pescadores de camisa vermelha. Todas as suas telas são pintadas com matizes foscas e pardacentas — a indelével tonalidade do Norte. Não obstante tudo isso, dedicam-se com autêntico deleite ao seu trabalho. Amiúde, cultivam no seu âmago um autêntico talento, e caso os bafejasse o ar fresco de Itália, inequivocamente se desenvolveria tão livremente, amplamente e vivamente como uma planta que enfim é levada para o ar livre. De um modo geral, estes artistas são bastante acanhados: uma divisa ou uma espessa dragona causa-lhes tal agitação que, involuntariamente, baixam o preço das suas obras. De quando em vez, apraz-lhes comportarem-se com fanfarronice, porém,

esses modos nunca lhes assentam bem. É por demais comum vê-los envergando uma soberba sobrecasaca, mas com um capote encardido, ou um colete de veludo caríssimo, mas com uma sobrecasaca cheia de manchas de tinta. Do mesmo modo, é frequente ver-se nas suas paisagens inacabadas uma ninfa pintada de pernas para o ar, que o artista, ao não encontrar outro lugar, esboçou no imundo fundo de uma antiga obra que em tempos se deleitara a pintar. O artista nunca olha os outros nos olhos, ou se o faz, fá-lo de algum modo vago, indefinido, não olha com aquele olhar penetrante de um observador, nem com o mirar rapace de um oficial de cavalaria. Há um motivo para tal. É que ele consegue ver, simultaneamente, as feições do interlocutor e as de um Hércules de gesso de pé nos seus aposentos, ou então imagina uma tela da sua autoria que ainda não criou. É por esse motivo que as suas respostas são, frequentemente, incoerentes, indirectas, e a desordem dos seus pensamentos só contribui para aumentar a sua timidez. Era a este tipo de artistas que pertencia o jovem supracitado, o artista Piskarev, envergonhado, tímido, mas carregando na alma faúlhas que, no momento oportuno, em lume se transformavam. Com um tremor oculto, apressava-se no encaço do seu móbil, que tão intensa sensação lhe causara, e ele próprio parecia atónito com a sua ousadia. A desconhecida a quem os seus olhos, pensamentos e sentimentos tanto se agarravam voltou subitamente a cabeça e fitou-o. Por Deus, que feições divinais! O semblante mais encantador, de uma deslumbrante alvura, era velado por um ostentoso cabelo de ágata. Anelavam-se aqueles soberbos cachos, alguns dos quais resvalavam de debaixo do chapéu até à sua face, acariciando-a com uma delicada e amena coloração emanada pela frescura no entardecer. Os seus lábios encerravam-se num perfeito enxame de devaneios. Tudo o que remanesce da infância, tudo o que traz à luz da lamparina o sonho e a tranquila inspiração — tudo isso parecia agregar-se, fundir-se e espelhar-se naqueles harmoniosos lábios. Olhou Piskarev de relance, e o coração dele agitou-se de excitação. Fora um olhar ríspido, transparecendo-lhe no rosto um traço de indignação perante a insolência daquela perseguição, porém, naquele belo rosto, a própria ira assumia contornos de fascínio. Dominado pelo pudor e pela timidez, Piskarev deteve-se, com os olhos pousados no chão, mas como poderia perder esta divindade sem sequer desvendar de que local sagrado ela havia descido para uma visita à Terra? Tais pensamentos assomaram à mente do jovem sonhador, pelo que se de-

cediu continuar a segui-la. Mas para o fazer sem que nele reparassem, deixou-se ficar para trás, começou a olhar despreocupadamente em redor e a estudar as tabuletas das lojas, sem perder de vista um único passo da desconhecida. O caudal de transeuntes começou a definhar, a quietude começava a envolver a rua. A jovem olhou para trás, e pareceu-lhe que um ténue sorriso lhe aflorara aos lábios. Todo o seu corpo estremeceu e não quis acreditar no que vira. Não! Fora o candeeiro, com a sua falaz luminosidade, que criara a ilusão de um sorriso no seu rosto. Não! Eram os seus próprios devaneios que dele zombavam. No entanto, susteve a respiração, todo o seu corpo se agitou num vago tremor, todos os seus sentidos incandesciam e tudo em seu redor estava envolto numa espécie de névoa. A calçada escapava-se-lhe de debaixo dos pés, as carruagens com os cavalos a galope asseveravam-se imóveis, a ponte alongava-se e quebrava-se no próprio arco, o edifício agachava-se com o telhado para o chão, a guarita desabava na sua direcção, e a alabarda da sentinela, juntamente com as letras douradas da tabuleta de uma loja e as suas tesouras pintadas, pareciam chispar-lhe nas pestanas. Tudo isto fora provocado por um simples olhar, por um vultear de uma bela cabeça. Surdo, cego e imprudente, seguiu as ligeiras passadas dos bonitos pés, diligenciando para moderar a ligeireza dos próprios passos, que drapejavam ao ritmo do coração. Por vezes, era acometido pela dúvida. Fora a expressão do seu rosto efectivamente tão indulgente? E então estacava por um instante, mas o bater do coração, a invencível pujança e agitação de todos os seus sentimentos, impeliam-no em diante. Nem sequer reparou quando um edifício de quatro pisos se ergueu abruptamente diante dele, quando as quatro fileiras de janelas, reluzentes, o iluminaram em simultâneo, e os corrimão da entrada se contrapuseram a ele com a sua metálica investida. Observou a jovem subir os degraus, olhar para trás, levar um dedo aos lábios e fazer-lhe sinal para que a seguisse. Sentiu as forças fugirem-lhe das pernas, tinha os sentidos e os pensamentos em chama, um raio de alegria perfurou-lhe o peito com uma estocada insuportável! Não, não era um sonho! Por Deus, tanta alegria num único instante! Que vida tão maravilhosa de dois minutos!

Mas não seria um sonho? Seria possível que ela, cujo celestial olhar era tudo quanto bastava para ele dar a própria vida, de quem o simples facto de se acercar dos seus aposentos representava para ele uma inexplicável felicidade... seria possível que ela acabasse de lhe dedicar

tal graça e atenção? Adejou escadas acima. Da sua mente, não brotava qualquer pensamento terreno, não o movia a chama da paixão terrena, não, naquele momento ele era puro e casto, como uma donzela virginal, ainda a respirar a indistinta necessidade espiritual de amor.

E aquilo que, numa mente depravada, despertaria pensamentos arrojados, nele, pelo contrário, essa mesma coisa tornava as suas intenções mais sagradas. Esta confiança que um débil e bellissimo ser depositara nele, esta confiança impunha sobre ele um voto de rigor cavaleiresco, o voto de obedecer submissamente a todas as ordens da dama. Tudo o que desejava era que as suas ordens assumissem contornos de dificuldade e fossem quiméricas, para que pudesse diligenciar no sentido de as cumprir com o máximo esforço. Não duvidava de que havia um motivo simultaneamente secreto e importante para que a desconhecida se lhe confiasse, que lhe solicitaria certamente um importante serviço, e sentia já no seu âmagô prontidão e forças para ultrapassar quaisquer obstáculos.

A escadaria revolteava, e com ela os seus vivazes devaneios.

— Atenção ao degrau! — disse uma voz num tom melódico, que lhe alagou as veias de renovada tremura. Na penumbra elevada do terceiro andar, a desconhecida bateu à porta, esta abriu-se, e entraram juntos. Umaa senhora bastante formosa recebeu-os com uma vela na mão, mas presenteou Piskarev com um olhar de tal modo estranho e insolente que ele baixou os olhos involuntariamente. Passaram para a sala, onde avistou três figuras femininas em distintas posições. Uma deitava as cartas, a segunda encontrava-se sentada diante de um piano e, com dois dedos, tentava em vão tocar uma antiga polonesa, a terceira sentava-se diante de um espelho a pentear o longo cabelo e nem se dignou a interromper a *toilette* perante a entrada de um desconhecido. Por todo o lado, reinava uma desagradável desordem que só se encontra nos aposentos dos solteirões despreocupados. O mobiliário, que manifestava alguma qualidade, estava coberto de pó e uma aranha tecera a teia sobre uma cornija emoldurada. Pelo vão da porta que dava para outra divisão, e que se encontrava entreaberta, fulgia uma bota com esporas e perpassavam os enfeites escarlates de um uniforme: uma sonora voz masculina e um riso feminino faziam-se ouvir sem embaraço.

Santo Deus, onde viera parar! A princípio, recusou-se a acreditar nas evidências e começou a analisar mais atentamente os objectos que

enchiam a sala, porém, as paredes despidas e as janelas desprovidas de cortinas não deixavam antever a presença de uma esmerada dona de casa. Os semblantes desgastados daquelas miseráveis criaturas, uma das quais se sentara praticamente diante do seu nariz e o contemplava serenamente, como quem analisa uma nódoa nas vestes de outra pessoa... tudo isto o convencera de que aportara a um daqueles repugnantes refúgios onde a vil depravação assenta arraiais, resultado da pretensiosa educação e da terrível sobrepopulação da capital. Um daqueles refúgios onde o homem insultuosamente esmaga e escarnece de tudo o que torna a vida pura e sagrada, onde as mulheres, a beleza do mundo, a coroa da criação, se transformam em algo estranho e ambíguo, onde, juntamente com a pureza da alma, perdem tudo o que é feminino e adoptam abjectamente todos os maneirismos e insolência do homem, e deixam de ser aquele ser débil e sublime tão díspar de nós. Piskarev mirou-a de cima a baixo com o olhar estupefacto, como se ainda quisesse certificar-se de que fora ela que o enfeitiçara e fascinara na Nevsky Prospekt. Porém, ela mantinha-se diante dele, bela como sempre; tinha uns cabelos magníficos e uns olhos celestiais. Era jovem, teria apenas uns dezassete anos; era perceptível que a terrível devassidão só recentemente a acometiera, ainda não se atrevera a desflorar-lhe as maçãs do rosto, pois estas eram puras e tenuemente tisonadas por um fino rosado. Era bela.

Permaneceu imóvel diante dela e estava prestes a entregar-se ao mesmo devaneio leviano de há pouco, só que a beldade entediou-se com aquele silêncio prolongado e sorriu expressivamente, fitando-o directamente nos olhos. Porém, este sorriso era pleno de uma infame insolência, era de tal modo desusado e incompatível com o seu semblante como uma expressão de misericórdia é incompatível com a carantonha daquele que aceita um suborno, ou como o livro-razão do contabilista é incompatível com o poeta. Sentiu um calafrio. Ela abriu a boca e começou a dizer algo, mas era algo tão insensato, tão banal... como se a inteligência abandonasse as pessoas juntamente com a castidade. Não estava disposto a ouvir mais. Sentiu-se extremamente ridículo e ingénuo como uma criança. Ao invés de tirar proveito desta graça, ao invés de ficar feliz com tal oportunidade, como teria feito indubitavelmente qualquer outro em seu lugar, precipitou-se para o exterior, como um animal selvagem, e desceu as escadas a correr até à rua.

Cabisbaixo, com os braços inertes, permaneceu sentado nos seus

apostentos como um pobre homem que encontra uma pérola preciosa e, acto contínuo, a deixa cair ao mar.

— Que beleza, que feições celestiais... e onde? Naquele lugar!... — era tudo quanto conseguia balbuciar.

Efectivamente, a compaixão nunca nos afecta tão intensamente como na presença de uma beleza bafejada pelo vicioso hálito da devassidão. Isso que fique para a fealdade, mas a beleza, a verdadeira beleza... na nossa mente, está associada apenas à castidade e à pureza.

A beleza que de tal modo havia enfeitiçado o pobre Piskarev era, efectivamente, um maravilhoso e extraordinário fenómeno. A sua presença naquele desprezível círculo asseverava-se ainda mais extraordinária. As suas feições assumiam contornos de tal candura, a completa expressão dos seus belos traços era vincada por tal fidalguia, que era simplesmente impossível pensar-se que a devassidão lhe havia deitado as suas terríveis garras. Ela teria sido a pérola preciosa, todo o mundo, todo o paraíso, toda a riqueza de um ardoroso marido. Ela teria sido a bela e gentil estrela de um modesto círculo familiar e teria transmitido doces ordens com um movimento da sua bela boca. Ela teria sido uma divindade num átrio apinhado de gente, na resplandecente plateia, sob o brilho de velas, a majestosa companhia dos seus admiradores que aos seus pés se prostrariam, boquiabertos. Mas, que infelicidade! Por vontade do terrível desejo de algum espírito dos infernos, cujo anseio é destruir a harmonia da vida, fora lançada, com uma estrondosa gargalhada, ao abismo.

Assoberbado pela compaixão, delongou-se sentado à luz de uma vela que ia gotejando. Passava já da meia-noite, e o sino da torre dera a meia hora, e ali permanecia imóvel, insone, mantendo uma improfícua vigília. A letargia, tirando partido da sua imobilidade, começava gradualmente a possuí-lo, o quarto começava a diluir-se, somente a luz da vela penetrava os seus desvarios quando, subitamente, bateram à porta e ele despertou, recuperando a lucidez. A porta abriu-se e assomou um laçao envergando uma farda rica. Nunca antes uma farda rica visitara os seus solitários aposentos, ainda para mais a uma hora tão inusitada. Estava perplexo e observava o laçao com impaciente curiosidade.

— A dama que teve o prazer de visitar há algumas horas — disse o laçao com uma vénia delicada — pede-me que convide o cavalheiro a visitá-la e envia um coche para o transportar.

Piskarev estacou, mudo de estupefacção: um coche, um lacaio ricamente trajado!... Não, deve haver algum equívoco...

— Ouça, caro amigo — disse, timidamente —, provavelmente enganou-se na morada. É evidente que a dama o mandou por outra pessoa, não por mim.

— Não, cavalheiro, não me enganei. Não foi o cavalheiro quem teve a amabilidade de acompanhar uma dama a uma casa na Rua Liteiny, a uma sala no terceiro andar?

— Fui.

— Pois bem, tenha a bondade de apressar-se pois a dama deseja vê-lo sem falta e roga-lhe o favor de a visitar nos seus aposentos.

Piskarev desceu as escadas a correr. De facto, esperava-o um coche. Entrou para o interior, a porta bateu com estrondo, a calçada retumbou sob as rodas e os cascos, e a perspectiva iluminada dos edifícios com cintilantes tabuletas passava velozmente na janela do coche. Pelo caminho, Piskarev não parava de cogitar e não conseguia compreender os contornos desta aventura. Uma casa própria, um coche, um lacaio ricamente vestido... não conseguia, de modo algum, associar tudo isto aos aposentos do terceiro andar, às janelas empoeiradas e ao piano desafinado.

A carruagem deteve-se diante de uma entrada profusamente iluminada, e Piskarev ficou pasmado com o que viu: uma fileira de coches, cocheiros a cavaquear, janelas plenas de luz e o som de música. O lacaio ajudou-o a apelar-se e, respeitosamente, conduziu-o até um átrio com colunas de mármore, um porteiro de farda dourada, capas e casacos de peles espalhados por todo o lado, e um candeeiro de luz forte. Uma escadaria elegante com corrimãos reluzentes, perfumada de aromas, conduzia ao piso superior. Subia-a já, encontrava-se já na primeira sala quando, assustado, se encolheu perante uma enorme multidão. A extraordinária diversidade de rostos deixou-o absolutamente atónito, era como se algum ser demoníaco tivesse retalhado o mundo inteiro em miríades de diferentes peças e as tivesse misturado aleatoriamente. Damas de ombros reluzentes, casacas negras, lustres, candelabros, finas névoas pairando, fitas etéreas e um encorpado contrabaixo espreitavam por detrás do corrimão de uma magnífica galeria — tudo assumia contornos esplendorosos. Avistou de imediato inúmeros veneráveis anciãos e homens de meia-idade com insígnias nas casacas, damas que caminhavam levemente, com altivez e com graciosidade pelo parquet ou se sentavam em filas; escutou tantas palavras em francês e inglês, e,

além disso, os jovens de sobrecasacas negras emanavam tamanha nobreza, conversavam ou mantinham-se em silêncio com tal dignidade, ao ponto de não proferirem nenhuma palavra supérflua; gracejavam com tal pompa, sorriam de tal modo deferente, exibiam suíças tão soberbas, sabiam tão bem ostentar as mãos ao endireitarem as gravatas, as damas eram tão graciosas, tão completamente imersas em auto-satisfação e enlevo, desviavam o olhar tão encantadoramente, que... mas a aparência modesta de Piskarev, que se encostava amedrontado a uma coluna, era suficiente para demonstrar o seu embaraço. Nesse instante, a multidão reuniu-se em torno de um grupo de bailarinos. As damas adejavam, envoltas em transparentes criações parisienses, vestidos leves como o próprio ar; roçavam despreocupadamente o parque com os pezinhos cintilantes, e eram ainda mais etéreas do que se nem sequer lhe tocassem. Porém havia uma cujas vestes eram mais distintas, mais esplêndidas e mais estonteantes que as das demais. A mais requintada combinação de bom gosto reflectia-se inexprimivelmente nos seus atavios, e no entanto, parecia que pouca importância lhes conferia, e que faziam parte dela, com naturalidade. Conseguia, em simultâneo, olhar e não olhar para a multidão que voluteava em seu redor, as belas e longas pestanas baixadas com indiferença, e a luzente alvura do seu rosto tornava-se ainda mais arrebatadora quando uma ténue sombra lhe roçava o formoso semblante ao menear a cabeça.

Piskarev sentiu uma grande dificuldade para abrir caminho por entre a multidão e melhor conseguir observá-la, porém, uma enorme cabeça com um cabelo encaracolado e negro tapava-lhe constantemente a visão, facto que muito o apoquentou. Por outro lado, ficara de tal modo cingido pela turba que não se atrevia a avançar ou a recuar por receio de dar um encontrão a algum conselheiro privado. Finalmente, lá conseguiu furar até à frente e inspeccionou a roupa que levava vestida, com o intento de se aprumar. Santo Deus, mas o que era aquilo? Envergava uma sobrecasaca toda manchada de tinta. Com a pressa, até se esquecerera de vestir uma roupa decente. Corou até às orelhas, baixou a cabeça, queria esconder-se num lugar qualquer, mas decididamente não havia onde. Gentis-homens envergando radiosos uniformes formavam uma sólida parede nas suas costas. O seu desejo era estar longe da beldade de magnífica frente e de belas pestanas. Ergueu renitentemente o olhar para ver se ela o observava. Por Deus! Encontrava-se mesmo diante dele... Mas o que é isto? O que é isto?

— É ela! — disse, quase em voz alta. Efectivamente, era ela, a mesma dama que encontrara na Nevsky e que seguira até sua casa.

Entretanto, ela ergueu as pestanas e contemplou todos os presentes com os seus radiosos olhos.

— Ai, ai, ai, que beleza!... — foi tudo quanto conseguiu balbuciar, faltando-lhe o fôlego. Ela passou o olhar por todo o círculo de pessoas, e todas elas tentaram chamar a sua atenção, porém o seu enfasiado e distraído olhar depressa se voltou e cruzou com o de Piskarev. Oh, que paraíso! É como o Éden! Dai-me forças, ó Criador, para o suportar! Não há lugar para isto na vida; destruirá e arrebatará a sua alma. Fez-lhe um sinal, mas não com a mão, não com um meneio da cabeça... não, antes pelo contrário, o seu olhar devastador transmitiu-lhe este sinal com tal subtilidade e de modo tão discreto que ninguém mais reparou, mas ele sim, ele compreendeu-o. A dança prolongou-se, a enfadonha música parecia esfumar-se e silenciar-se por completo para depois ganhar novo alento e soar estridente, trovejando. Finalmente, acabou! Ela sentou-se, com o peito arquejante sob a fina película do tecido de escumilha, a sua mão (ó Criador, que belíssima mão), foi pousar sobre os joelhos, amachucando o vestido vaporoso com o seu peso, e o vestido, sob o peso da mão, parecia começar a sorver a música, e a requintada cor lilás avultava ainda mais a luzidia alvura da sua belíssima mão. Apenas tocar-lhe... nada mais! Nenhum outro desejo... são demasiado arrojados... Piskarev permaneceu por detrás da cadeira, sem se atrever a proferir palavra, sem se atrever a respirar.

— Achou a dança enfadonha? — disse ela. — Eu também. Percebo que me odeia... — acrescentou, baixando as longas pestanas.

— Odiá-la? Eu? Eu... — Piskarev, completamente estonteado, estava prestes a dizer, e provavelmente teria proferido um monte de incoerências, quando um cavalheiro se acercou com um bonito topete frisado, fazendo espirituosas e galantes observações. Muito harmoniosamente, exibiu uma fileira de dentes bem tratados, e cada um dos gracejos que dizia era como um aguçado prego no coração de Piskarev. Por fim, e felizmente, uma terceira pessoa dirigiu uma pergunta ao cavalheiro.

— É insuportável! — disse ela, levantando para ele os seus olhos divinos. — Vou sentar-me na outra extremidade da sala. Vá lá encontrar-se comigo!

Serpenteou por entre a multidão e desapareceu. Ele furou a turba como um louco e, pouco depois, estava lá.

Sim, era ela! Encontrava-se sentada como uma rainha, a melhor de todas, a mais bela de todas, e os seus olhos procuravam-no.

— Está aqui — disse, brandamente. — Serei franca: deve ter considerado estranhas as circunstâncias do nosso encontro. Conseguiria efectivamente pensar que eu pertenço àquela desprezível classe de criaturas junto das quais me encontrou? As minhas acções parecem-lhe estranhas, mas vou revelar-lhe um segredo. Conseguirá — disse, fitando-o intensamente — guardá-lo para sempre?

— Mas é claro que sim, sim, sim!...

Precisamente nesse instante, um ancião acercou-se, falou com ela numa língua que Piskarev desconhecia e ofereceu-lhe o braço. Ela fitou Piskarev com um olhar suplicante e indicou-lhe com um gesto que aguardasse o seu regresso, mas ele, num acesso de impaciência, não conseguiu obedecer ao que ela lhe pedia. Desatou atrás dela, mas a multidão apartou-os. Já não conseguia ver o vestido lilás! Acometido de ansiedade, andou de sala em sala, dando impiedosamente encontrões a todos aqueles com quem se cruzava, mas em todas as salas só encontrava altos dignitários à mesa de jogo, num silêncio de morte. A um canto de uma sala, vários anciãos discutiam sobre as vantagens do serviço militar em relação ao civil, noutro, indivíduos trajando suntuosas sobrecasacas trocavam impressões sobre a publicação da obra de um poeta em vários volumes. Piskarev sentiu um ancião de aparência respeitável agarrá-lo por um botão da sobrecasaca e apresentar à sua apreciação um reparo bastante justo, mas Piskarev afastou-o grosseiramente sem sequer reparar que este ostentava à volta do pescoço uma condecoração deveras importante. Foi a correr para a outra sala, mas ela também não estava lá. « Onde está ela? Quero vê-la! Oh, não consigo viver sem a ver mais uma vez! Quero ouvir o que ela ia dizer », mas a sua procura foi em vão. Ansioso, exausto, encostou-se a um canto e pôs-se a observar a turba, mas os seus olhos fatigados começaram a mostrar-lhe tudo de um modo algo difuso. Levantou o olhar. Diante dele havia um castiçal com a luz quase extinta, toda a vela havia derretido, o sebo derramara-se sobre a mesa.

Portanto, estivera a dormir! Por Deus, que sonho! Mas porquê acordar? Porque não esperar mais uns instantes? Certamente que ela apareceria outra vez! A desagradável e lívida luz do dia entrava pe-

las janelas. Que pardacento e desolado caos reinava nesta sala... Oh, como a realidade é abjecta! Como é diferente dos sonhos. Despiu-se apressadamente e enfiou-se na cama, enroscado num cobertor, na esperança de recuperar o sonho perdido por um momento. Efectivamente, o sono depressa chegou, mas não o presenteou com o que desejava ver. Ora lhe aparecia um tenente Pirogov com o seu cachimbo, ora um guarda da Academia, ora um conselheiro de Estado efectivo, ora a cabeça de uma finlandesa cujo retrato em tempos pintara, e outros disparates do género.

Deixou-se ficar na cama até ao meio-dia, desejando adormecer, mas ela teimava em não aparecer. Se ao menos mostrasse os seus belos traços ainda que por um instante, se ao menos conseguisse ouvir a sua passada ligeira ainda que por um momento, se ao menos os seus olhos pudessem ver de relance o seu braço nu, resplandecente como a neve no cume de um monte.

Abandonando tudo o mais, esquecendo tudo o mais, permaneceu sentado com um olhar prostrado e desesperançado, pensando apenas naquele sonho. Não pensava em comer o que fosse, desinteressado, sem vida, o seu olhar perdeu-se pela janela, onde um imundo aguadeiro vertia água que gelava ao ar, e o balido de um vendedor ambulante retinha: « Roupas velhas para venda! » O quotidiano e a realidade feriam-lhe estranhamente os ouvidos. Assim ficou até ao entardecer, quando se enfiou avidamente na cama. Durante imenso tempo, debateu-se com a insónia, mas finalmente lá a venceu. Teve outros sonhos, uns sonhos triviais e torpes. « Meu Deus, sede misericordioso, deixai-me vê-la pelo menos por instantes, por breves momentos! » Aguardou outra vez pelo entardecer, e outra vez adormeceu, e outra vez sonhou com um funcionário qualquer que era também um fagote. Oh, era insuportável! Finalmente, apareceu! A sua cabeça e as suas madeixas... uma beleza... oh, durante tão pouco tempo! Novamente a neblina, outra vez um qualquer sonho inconcebível.

No fim, os sonhos tornaram-se a sua vida e, desde então, toda a sua vida mudou completamente. Poder-se-ia dizer que dormia acordado e que mantinha a vigília enquanto dormia. Quem o visse sentado em silêncio diante de uma mesa vazia, ou a descer a rua, certamente o tomaria por um louco ou por alguém cuja vida fora destruída pelo excesso de álcool. Tinha um olhar desatinado e desenvolvera uma abstracção natural que compulsoriamente lhe roubou todo o sentimento

e todo o movimento do rosto. Apenas o aproximar da noite o entusiasmava.

Tal estado perturbou-lhe a saúde, e o que mais o atormentava era o facto de o sono finalmente o ter começado a abandonar por completo. No fito de salvar o seu único bem, recorreu a todos os meios para o restaurar. Alguém lhe disse que existia um método para recuperar o sono — bastaria para tal tomar ópio. Mas onde poderia encontrar esse tal ópio? Lembrou-se de um lojista persa que vendia xailes e que, sempre que se cruzavam, lhe pedia para pintar o retrato de uma beldade. Decidiu procurá-lo, supondo que certamente ele teria ópio. O persa recebeu-o sentado num sofá, sentado sobre as pernas cruzadas.

— Para que precisa de ópio? — perguntou.

Piskarev explicou-lhe acerca da insónia.

— Pois bem, eu arranjo o ópio, mas tem de me pintar uma beldade. Tem de ser uma beldade de formosura incomparável! Deve ter sobrancelhas negras e olhos grandes como azeitonas, e eu deitado ao lado dela a fumar o cachimbo! Ouviu bem? Tem de ser uma beldade de formosura incomparável!

Piskarev prometeu que cumpriria o seu desejo. O persa ausentou-se por instantes e regressou com um pequeno recipiente com um líquido escuro, verteu cuidadosamente certa quantidade para outro pequeno recipiente e entregou-o a Piskarev, explicando-lhe que não deveria tomar mais do que sete gotas diluídas em água. O pintor agarrou avidamente o precioso recipiente, que não trocava por uma pilha de ouro, e apressou-se de regresso a casa.

Ali chegado, verteu algumas gotas num copo de água e, depois de beber, deitou-se a dormir.

Meu Deus, que alegria! É ela! Mas agora com um ar completamente diferente! Oh, como é bela sentada junto à janela de uma esplendorosa casa de campo! O seu vestido emana tal simplicidade como só a mente de um poeta conseguiria afigurar. Tem um penteado... Ó Criador, tal é a simplicidade do seu penteado, e como lhe assenta bem! Um curto xaile cinge-lhe levemente o esguio pescoço, tudo nela é modesto, tudo nela é... um misterioso e inexplicável sentido de bom gosto. Como é encantador o seu delicado porte! Como é musical o som dos seus passos e o rumorejar do seu simples vestido! Como é belo o seu braço envolto numa pulseira de cabelos! Ela diz-lhe, com os olhos banhados de lágrimas: « Não me odeies. Não sou aquela por quem me tomas.

Olha para mim, observa-me atentamente, e diz: sou capaz daquilo que pensas?»

«Oh, não, não, não! Se alguém se atrever a pensar tal coisa, deixa...», mas nesse momento despertou, agitado, transtornado, com as lágrimas nos olhos. «Seria melhor que não existisses, que não andasses neste mundo, mas antes fosses a criação de um inspirado artista! Eu nunca me apartaria da tela, ficaria para sempre a admirar-te e a beijar-te. Viveria e respiraria junto a ti, como no mais belo sonho, e então seria feliz. Nada mais poderia desejar. Considerar-te-ia o meu anjo-da-guarda, antes de adormecer e de despertar, e chamar-te-ia sempre que tivesse de retratar o divino e o sagrado. Mas agora... que vida tão terrível! De que serve ela estar viva? É porventura a vida de um louco agradável para os seus familiares e amigos que outrora o amaram? Meu Deus, mas que vida esta! Uma eterna dissonância entre o sonho e a realidade!» Pensamentos tais ocupavam-lhe constantemente o espírito. Não conseguia pensar noutra coisa, praticamente deixou de comer, e, impacientemente, com a paixão de um amante, aguardava a chegada da noite e a visão ansiada. Os seus pensamentos afluíam constantemente para uma coisa, e essa coisa por fim assumiu tal poder sobre todo o seu ser e imaginação que a imagem desejada o visitava quase todos os dias, sempre numa situação avessa à realidade, pois os seus pensamentos eram de uma perfeita pureza, como os pensamentos de uma criança. Através dos seus sonhos, o próprio objecto tornava-se, de algum modo, mais puro e transfigurava-se totalmente.

O ópio ainda lhe inflamava mais as ideias, e se alguma vez alguém esteve apaixonado no último grau da loucura, impetuosamente, terrivelmente, destrutivamente, tempestivamente, ele foi esse infeliz.

De todos os seus sonhos, um houve que o fez transbordar de alegria: imaginara o seu estúdio, estava tão feliz, sentado e segurando a paleta com desmesurado deleite! E ela estava ao lado dele. Era agora sua mulher. Sentava-se ao seu lado, com o delicado cotovelo pousado sobre o espaldar da cadeira, e contemplava a sua obra. Os seus olhos, lânguidos, cansados, transpareciam o peso do deleite. Tudo nos seus aposentos fazia lembrar o paraíso, tal era o esplendor, tal era a ordem! Ó Criador! Ela pousava a delicada cabeça sobre o seu peito... Nunca tivera um sonho tão encantador. Depois de o ter, levantou-se de algum modo mais revigorado e menos absorto do que antes. Estranhos pensamentos assomaram à sua mente. «Pode dar-se o caso», pensara

« de ela ter sido empurrada para uma vida de devassidão por alguma involuntária e terrível ocorrência. Pode dar-se o caso de que os impulsos da sua alma estejam inclinados para a contrição. Pode dar-se o caso de ela própria desejar fugir daquela terrível condição. Como pode alguém ficar indiferente à sua destruição, sabendo, para mais, que bastará estender-lhe uma mão para a salvar? » Os seus pensamentos não se ficavam por aqui. « Ninguém sabe quem eu sou » dizia com os seus botões, « e quem quer saber de mim? Eu também não quero saber de ninguém. Se ela mostrar um verdadeiro arrependimento e mudar de vida, desposo-a. Tenho de a desposar, e certamente isso será muito melhor do que o que fazem aqueles que desposam as próprias governantas, e, por vezes, as mais horrendas criaturas. Porém, o meu feito será altruísta e, quiçá, grandioso. Devolverei ao mundo o seu mais belo adorno.»

Ao engendrar este plano tão irreflectido, sentiu o rubor subir-lhe às faces, acercou-se do espelho e assustou-se ao vislumbrar o rosto encoado e pálido. Começou a vestir-se cuidadosamente, lavou-se, penteou o cabelo, vestiu uma casaca nova, um elegante colete, enfiou uma capa e saiu. Inspirou ar puro e sentiu o coração revigorar-se, como um doente em convalescença que decide sair pela primeira vez após prolongada moléstia. Sentia o coração palpitar ao aproximar-se da rua aonde não ia desde o fatídico encontro.

Demorou-se bastante à procura da casa, a memória parecia traí-lo. Subiu e desceu a rua por duas vezes, sem saber onde parar. Finalmente, pareceu identificar o edifício. Subiu as escadas a correr e bateu à porta. A porta abriu-se, e quem veio atender? O seu ideal, a sua misteriosa imagem, o original das suas visões em sonho, aquela por quem ele vivia, por quem tanto sofria, em desmesurado tormento, e por quem nutria tal afeição. Ela própria, em pessoa, encontrava-se perante ele. Estremeceu, mal se conseguia manter de pé, tal era a fraqueza, expugnado por um impulso de alegria. Ela permanecia diante dele com a beleza de sempre, embora os seus olhos estivessem ensonados, embora a lividez já se houvesse espalhado pelo seu rosto, que já não tinha a mesma frescura... mas continuava belo.

— Ah! — exclamou ao ver Piskarev e esfregando os olhos (já eram catorze horas). — Porque fugiu de nós da outra vez?

Exausto, sentou-se numa cadeira e contemplou-a.

— E eu acabei de acordar. Trouxeram-me de volta às sete da ma-

nhã e eu estava completamente embriagada — acrescentou com um sorriso.

Oh, melhor seria que perdesse a fala e não proferisses tais palavras! Abruptamente, revelara-lhe abertamente toda a sua vida. Porém, ele controlou-se e decidiu aquilatar se a sua repreensão teria sobre ela algum efeito. Reunindo toda a coragem, começou a falar com uma voz trémula, mas simultaneamente fervorosa, fazendo-lhe ver a terrível situação em que se encontrava. Ela escutou-o com um olhar atento e com aquela sensação de estupefacção que revelamos ao depararmos com uma situação inesperada e invulgar. Com um ténue sorriso, ela olhou de soslaio para a companheira que se encontrava sentada a um canto e que, pondo de lado o pente com que se penteava, também ouvia atentamente o novo pregador.

— É verdade que sou pobre — disse, finalmente, Piskarev, ao fim de prolongada e instrutiva admoestação —, mas trabalharemos. Lutaremos juntos num esforço para melhorarmos a nossa vida. Nada dá mais satisfação do que conseguirmos as coisas com o nosso esforço. Dedicar-me-ei aos meus quadros, e tu, servindo-me de inspiração, dedicar-te-ás a bordar ou a outro trabalho manual, e nada nos faltará.

— O quê? — interrompeu-lhe o discurso com uma expressão que transparecia algum desdém. — Não sou nenhuma lavadeira ou costureira para que tenha de trabalhar!

Por Deus! Ao proferir estas palavras, exprimia toda a sua vil existência... uma vida repleta de frivolidade e de ócio, os fiéis companheiros da devassidão.

— Casa antes comigo! — disse a companheira, que até então estivera sentada em silêncio a um canto, adoptando um comportamento descarado. — Se eu fosse tua mulher, sentava-me assim! — e ao dizer estas palavras, esboçou um esgar patético, que a beldade achou muito cómico.

Oh, era de mais! Era mais do que ele conseguia suportar! Fugiu a sete pés, consumido de todos os sentimentos e raciocínio. Sentia a mente toldada. Estupidamente, sem destino, sem ver, ouvir ou sentir o que fosse, andou a vaguar o dia inteiro. Ninguém sabe se dormiu ou não em algum lugar, mas só no dia seguinte, seguindo algum insensato instinto, regressou aos seus aposentos, descorado, com um ar pavoroso, o cabelo desgrenhado, transparecendo no rosto vestígios de loucura. Trancou-se no quarto, não deixou entrar ninguém e não pe-

diu nada. Passaram-se quatro dias, e a porta do quarto nem uma vez se abriu. Finalmente, ao fim de uma semana, o quarto permanecia trancado. Acercaram-se da porta, chamaram por ele, mas não obtiveram resposta. Por fim, arrombaram a porta e depararam-se com o seu corpo sem vida, com um golpe na garganta. Uma lâmina ensanguentada jazia no chão. A julgar pela posição dos braços abertos numa convulsão e pelo esgar terrivelmente desfigurado, podia concluir-se que não tivera a mão firme e que sofrera durante muito tempo antes de a sua alma pecadora lhe abandonar o corpo.

Assim pereceu, vítima de louca paixão, o pobre Piskarev, pacato, tímido, modesto, infantilmente ingénuo, que guardava no seu âmago uma centelha de talento que, no momento oportuno, poderia atear um grandioso e resplandecente fogo. Ninguém o chorou; ninguém velou o seu corpo inerte, à excepção de um vulgar comissário da Polícia e de um indiferente médico municipal. Levaram o seu caixão em silêncio para o cemitério de Okhta, sem quaisquer exéquias fúnebres. Apenas um soldado verteu algumas lágrimas, e isso porque bebera um pingo de vodca a mais. Nem mesmo o tenente Pirogov apareceu para se despedir do corpo do desventurado a quem, em vida, dedicara orgulhosa protecção. No entanto, não podia ser incomodado com tal pois estava ocupado com um extraordinário evento. Vejamos então o que se passa com ele.

Não me aprezem os cadáveres e os defuntos, e fico sempre com uma sensação desagradável quando um longo cortejo fúnebre se atravessa no meu caminho e um soldado inválido, vestido à moda dos franciscanos, leva o rapé ao nariz com a mão esquerda por ter a direita ocupada com uma lamparina. Sinto sempre um aperto no coração ao avistar um rico carro fúnebre e um caixão forrado com veludo, mas a minha angústia mistura-se com tristeza quando vejo um carroceiro a puxar um despido caixão de pinho de um desgraçado, cujo séquito se limita a uma pedinte sem melhor que fazer e que com ele se cruzou numa encruzilhada.

Creio que deixámos o tenente Pirogov no instante em que se despediu do pobre Piskarev e foi no encalço da loira, que se tratava de uma criatura ligeira e bastante atraente. Estacava diante de cada loja para contemplar as montras com cintos, lenços, brincos, luvas e outras frivolidades. Era uma pessoa muito irrequieta que não parava de olhar em todas as direcções e espreitar por cima do ombro.

— És minha, queridinha! — repetira o tenente Pirogov cheio de si enquanto continuava a segui-la, velando o rosto com a gola do casaco, não fosse encontrar algum conhecido. Porém, não terá mal nenhum se informarmos os leitores sobre o tipo de homem que era este tenente Pirogov.

Mas antes de os informarmos sobre o tipo de homem que era este Tenente Pirogov, não terá mal nenhum se dissermos uma ou duas coisas sobre a sociedade a que ele pertencia. Há em Petersburgo oficiais que constituem uma espécie de classe média da sociedade. Há sempre um num serão ou num jantar organizado por algum conselheiro de Estado ou algum conselheiro de Estado efectivo, que conseguira chegar a este posto graças a quarenta anos de trabalho árduo. Várias filhas pálidas, completamente incolores, como a própria Petersburgo, algumas das quais de idade avançada, uma mesa de chá, um piano, danças — tudo isto é habitualmente inseparável de uma resplandecente dragona cintilante sob a luz de um candeeiro, entre uma loira de bons modos e a negra casaca de um irmão ou de um amigo da família. É extremamente difícil impressionar estas raparigas de sangue-frio e fazê-las rir urge um grande talento, ou, melhor será dizer, talento algum. É preciso falar de um modo que não seja excessivamente inteligente nem demasiado jocoso, de feição a abordar somente as frivolidades que agradam às mulheres. A este respeito, há que fazer jus aos cavalheiros supracitados. Têm um dom especial para fazerem rir estas descoloridas beldades e para que lhes prestem atenção. Exclamações reprimidas pelo riso: «Ah, deixe-se disso! Não tem vergonha de me fazer rir desse jeito?» são, *grosso modo*, a sua melhor recompensa. Entre as classes mais altas, muito raramente, ou melhor, nunca, se faz sentir a sua presença. São absolutamente expulsos por aqueles a quem esta sociedade apelida de aristocratas, porém, são considerados pessoas instruídas e bem-educadas. Gostam de falar sobre literatura, enaltecem Bulgarin, Pushkin e Grech, e referem-se com desprezo e pungente jocosidade a A. A. Orlov. Nunca perdem uma prelecção pública, quer o tema seja a contabilidade ou a silvicultura. No teatro, independentemente da peça em cena, há sempre um presente, a menos que esteja em representação alguma peça cómica ao estilo de Filatkas, que são por demais insultuosas para o exigente gosto destes cavalheiros. Passam a vida no teatro. Para os directores dos teatros, eles são os espectadores mais lucrativos. No que toca a peças, a boa poesia faz as suas preferências, mas também

apreciam chamar os actores ao palco. Muitos deles, uma vez que são professores em escolas públicas, ou como preparam os alunos para o ingresso nas mesmas, acabam por conseguir tornar-se proprietários de um cabriolé e de uma parrelha de cavalos. É então que o seu círculo se alarga, acabam por desposar a filha de um comerciante que sabe tocar piano, arrecadando um dote de algumas centenas de milhar, ou à volta disso, e um monte de familiares de barba. Não obstante, só podem almejar a tal posição depois de serem promovidos, pelo menos, ao posto de coronel. É que os donos das barbas russas, que ainda emanam um cheiro a couve, só querem que as suas filhas casem com generais, ou com coronéis, no mínimo. São estes os traços gerais que definem este tipo de jovem. Mas o tenente Pirogov reunia um conjunto de talentos que eram só seus. Declamava com grande habilidade versos de *Dmitri Donskoy*⁵ e da *Desgraça de Ser Inteligente*⁶, e tinha um dom especial para fazer anéis de fumo ao fumar o seu cachimbo, a tal ponto que conseguia emanar dez desses anéis e fazê-los passar uns entre os outros. Conseguia contar com imensa piada a anedota sobre o canhão que era uma coisa e o unicórnio que voltava a ser outra. Não obstante, torna-se bastante difícil enumerar todos os talentos que o destino concedera a Pirogov. Gostava de falar sobre qualquer actriz ou bailarina, mas não nos termos ríspidos com que os jovens subtenentes abordam o tema. Muito se aprazia com a sua graduação, à qual fora recentemente promovido, e embora fosse comum ouvi-lo dizer, ao deitar-se no canapé: «Ah, vaidade das vaidades! O que importa se sou tenente?», no seu íntimo, sentia-se lisonjeado com o novo posto. Em conversa, era frequente dar por ele a insinuar isso mesmo, e certa vez, ao cruzar-se na rua com um qualquer escrivão que lhe pareceu mal-educado, prontamente o deteve e lhe fez saber, em breves mas acutilantes palavras, que estava perante um tenente e não outro tipo de oficial qualquer. Esforçara-se por enunciar tal facto mais eloquentemente pois iam a passar duas jovens bem-parecidas. De um modo geral, Pirogov revelava paixão por tudo o que era requintado, e incentivava o artista Piskarev a fazer o mesmo. No entanto, tal facto poderia dever-se ao seu intenso desejo de ver a sua máscula fisionomia retratada numa tela. Mas chega de falar sobre as qualidades de Pirogov. O homem é um ser tão prodigioso que nunca é possível contabilizar todas as suas virtudes de

⁵ Tragédia histórica da autoria de Nestor Kukolnik (1809-1868). [N. do T.]

⁶ Comédia em verso da autoria de Alexander Griboiedov (1759-1829). [N. do T.]

uma só vez. Quanto mais o perscrutamos, mais qualidades aparecem, e descrevê-las seria tarefa interminável.

Portanto, Pirogov não cessava a sua perseguição à jovem desconhecida, distraíndo-a aqui e ali com perguntas às quais ela respondia com rispidez, severidade, ou proferindo uns sons pouco perceptíveis. Passaram pela negra Porta de Kazan e afluíram à Rua Meshchanskaya, onde ficavam as tabacarias e as mercearias, os artesãos alemães e as ninfas finlandesas. A loira estugou o passo e adejou pelos portões de um edifício de aspecto esquelético. Pirogov seguiu-a. Ela subiu a escadaria estreita e sombria e dirigiu-se a uma porta, pela qual Pirogov também entrou descaradamente. Deu por si numa grande sala com as paredes negras e o tecto coberto de fuligem. Havia um monte de parafusos de ferro, ferramentas de serralharia, bules reluzentes e velas em cima de uma mesa. O chão encontrava-se repleto de limalhas de cobre e de ferro. Pirogov percebeu imediatamente que se tratava dos aposentos de um artesão. A desconhecida escapuliu-se por uma porta lateral. Parou para pensar por um instante, mas, seguindo o costume russo, resolveu seguir em frente. Assomou a uma divisão de todo diferente da anterior; estava requintadamente decorada, revelando que o proprietário era alemão. Foi acometido por uma visão extraordinariamente inusitada.

Diante dele estava Schiller — mas não o Schiller autor de *Guilherme Tell* e de *Guerra dos Trinta Anos*, mas antes o famoso Schiller, o latoeiro da Rua Meshchanskaya. Ao lado de Schiller, estava Hoffmann — mas não o escritor Hoffmann, antes porém um sapateiro reconhecido da Rua Ofitserskaya, grande amigo de Schiller. Este último encontrava-se em estado de embriaguez, sentado numa cadeira a bater com o pé no chão e a falar calorosamente. Tudo isto não teria surpreendido Pirogov, não fora a postura deveras invulgar dos indivíduos. Schiller estava sentado, com o rechonchudo nariz empinado e a cabeça levantada, enquanto Hoffmann o segurava pelo nariz com dois dedos e meneava a lâmina da sua navalha rente ao mesmo. As duas personagens falavam em alemão, pelo que o tenente Pirogov, que só sabia dizer *guten Morgen* nessa língua, nada conseguia compreender do que se passava. No entanto, Schiller estava a dizer o seguinte:

— Não o quero, não tenho qualquer uso para um nariz! — dizia, sacudindo os braços. — Este nariz custa-me um quilo e meio de rapé por mês. E deixo ficar na vil loja russa, pois a loja alemã não tem rapé russo, a módica quantia de quarenta copeques por cada libra, o que isso perfaz um rublo e vinte copeques. Doze vezes um rublo e vin-

te copeques, perfaz catorze rublos e quarenta copeques. Ouviu bem, amigo Hoffmann? Este nariz custa-me catorze rublos e quarenta copeques! Sim, e nos dias feriados cheiro rapé porque não quero cheirar vil tabaco russo. Cheiro duas libras de rapé por ano, a dois rublos por libra. Seis mais catorze: vinte rublos e quarenta copeques só em rapé. É um verdadeiro roubo! Pergunto-lhe, amigo Hoffmann, não acha um roubo?

— Hoffmann, que também estava alcoolizado, respondeu afirmativamente.

— Vinte rublos e quarenta copeques! Sou alemão da Suábia, tenho o rei na Alemanha. Não quero ter um nariz! Corte-me o nariz fora! Eis o meu nariz!

Não fora a súbita chegada do tenente Pirogov, não restam dúvidas de que Hoffmann teria cortado o nariz de Schiller sem agravo, pois segurava já a navalha numa posição como se fosse cortar a sola de um sapato.

Schiller ficou bastante irritado com o facto de um desconhecido, que não fora convidado, os ter interrompido em momento tão inoportuno. Não obstante o facto de o afectar o inebriante efeito da cerveja e do vinho, considerou bastante indecoroso o facto de estar na presença de uma testemunha estranha enquanto patenteava tal comportamento. Entretanto, Pirogov fez uma ligeira vénia e, com a sua habitual afabilidade, disse:

— Os cavalheiros vão-me desculpar...

— Fora daqui! — disse Schiller, com a língua entaramelada.

O tenente Pirogov ficou perplexo. Nunca fora tratado desse modo. O sorriso que mal lhe aflorara ao rosto desvaneceu-se por completo. Com um sentimento de perturbada dignidade, afirmou:

— É muito estranho, cavalheiro... não deve ter reparado... mas eu sou um oficial...

— O que é um oficial? Eu sou um alemão da Suábia. Também eu — dito isto, Schiller bateu com o punho na mesa — posso ser um oficial: um ano e meio, cabo, dois anos, subtenente, e amanhã passo logo a oficial. Mas não quero servir. De um oficial, penso isto: pfff! — Schiller levou a mão à boca e soprou.

O tenente Pirogov percebeu que só lhe restava bater em retirada. No entanto, tal acolhimento, para alguém da sua condição, era desagradável. Ao descer as escadas, por diversas vezes se deteve, como que numa tentativa de ganhar coragem e a pensar como fazer com que

Schiller compreendesse como fora insolente. Por fim, chegou à conclusão de que Schiller tinha a atenuante de ter a cabeça toldada pela cerveja, além disso, lembrou-se da bela loira e decidiu colocar uma pedra sobre o assunto. Na manhã seguinte, o tenente Pirogov chegou muito cedo à loja do latoeiro. Foi recebido na primeira divisão pela bela loira, que lhe perguntou num tom de voz bastante ríspido, e que bem se coadunava com o ar austero:

— Em que posso ajudá-lo?

— Ah, bom dia, minha querida! Não te lembras de mim? Coisa linda, que belos olhos tu tens! — Posto isto, o tenente Pirogov tentou afagar-lhe o queixo com um dedo.

Porém, a loira proferiu uma temerosa exclamação e perguntou com a mesma rispidez:

— Em que posso ajudá-lo?

— Deixa-me olhar para ti, nada mais — disse o tenente Pirogov com um sorriso prazenteiro, acercando-se dela; no entanto, ao reparar que a receosa loira estava prestes a escapular-se pela porta, acrescentou:

— Queria encomendar umas esporas, minha querida. Podes fazer-me umas esporas? Embora para te amar não precise de esporas, mas antes de umas rédeas. Que mãos tão bonitas!

O tenente Pirogov era sempre muito cortês quando tinha conversas deste tipo.

— Vou já chamar o meu marido — disse a dama alemã e voltou-lhe as costas. Alguns minutos depois, Pirogov vislumbrou Schiller assomar à porta com um ar ensonado, ainda sentindo os efeitos da bebida da noite anterior. Ao avistar o oficial, recordou, como que num esbatido sonho, o que acontecera na véspera. Não se lembrava dos pormenores, mas sabia que tinha feito alguma estupidez, pelo que recebeu o oficial com um ar bastante austero.

— Não posso fazer menos de quinze rublos por umas esporas — disse, morto por se livrar de Pirogov, porque, na qualidade de honrado alemão, sentia-se extremamente envergonhado por estar diante de alguém que o vira ter um comportamento impróprio. Schiller gostava de beber sem testemunhas, com dois ou três amigos, chegando mesmo a fechar-se numa sala longe da vista dos seus empregados.

— Porquê tanto dinheiro? — perguntou Pirogov afavelmente.

— Mão-de-obra alemã — respondeu Schiller com indiferença, enquanto acariciava o queixo. — Um russo fá-las-ia por dois rublos.

— Pois muito bem, como prova de que simpatizo com o cavalheiro e o quero conhecer, pagarei os quinze rublos.

Schiller reflectiu por instantes. Como era um alemão honesto, sentiu-se um pouco envergonhado. Numa tentativa de o dissuadir, acrescentou que demoraria duas semanas a fabricá-las. Mas Pirogov não se opôs e aceitou as condições.

O alemão ficou pensativo, a congeminar como poderia melhorar o seu trabalho de modo a que as esporas efectivamente valessem os quinze rublos. Nesse instante, a loira entrou na oficina e começou a remexer em cima da mesa, que estava atafulhada de bules. O tenente aproveitou o estado de cogitação de Schiller para se aproximar dela e apertar-lhe o braço, que estava despido até ao ombro. Schiller não gostou nada dessa atitude.

— *Mein' Frau!* — bradou.

— *Was wollen Sie doch?* — replicou a loira.

— *Geh'n Sie* para a cozinha!⁷

A loira retirou-se.

— Então, dentro de duas semanas? — indagou Pirogov.

— Sim, dentro de duas semanas — respondeu Schiller, meditabundo. — Neste momento, estou com muito trabalho.

— Adeus! Regressarei!

— Adeus — respondeu Schiller, trancando a porta nas suas costas.

O tenente Pirogov decidiu não abandonar a sua demanda, embora fosse evidente que a dama alemã o desprezara. Não compreendia como alguém conseguia resistir-lhe, quanto mais não fosse porque os seus modos e elevada graduação lhe conferiam pleno direito a atenção. Porém, urge acrescentar que a mulher de Schiller, apesar da sua graciosidade, era extremamente estúpida. No entanto, a estupidez constituiu-se num especial atributo nas mulheres atraentes. Pelo menos, tenho conhecido muitos maridos que se regozijam com a estupidez das respectivas mulheres e conseguem ver nisso todos os predicados da inocência pueril. A beleza consegue verdadeiros prodígios. Numa beldade, todas as imperfeições interiores, ao invés de causarem repugnância, tornam-se de algum modo desmesuradamente sedutoras. Numa mulher bela, o próprio vício assume contornos fascinantes, mas se não fosse pela beleza, a mulher teria de ser

⁷ Traduzindo esta curta troca de palavras em alemão: « — Minha esposa! // — O que deseja? — replicou a loira // — Vá para a cozinha!» [N. do T.]

vinte vezes mais inteligente do que o homem para infundir, se não o amor, pelo menos o respeito. Não obstante, a mulher de Schiller, apesar de toda a sua estupidez, sempre fora fiel às suas obrigações, pelo que Pirogov tinha poucas hipóteses de ser bem-sucedido nos seus arrojados intentos. Todavia, o prazer está eternamente associado ao derrubar de obstáculos, e a loira tornava-se aos seus olhos mais atraente a cada dia que passava. Começou a ir saber das esporas mais amiúde, ao ponto de Schiller se fartar. Passou a dedicar todo o seu esforço à conclusão das esporas que havia começado a fazer, até que, finalmente, as terminou.

— Ah, que trabalho brilhante! — exclamou o tenente Pirogov ao ver as esporas. — Meu Deus, que notável destreza! Nem o nosso general tem umas esporas assim.

Uma sensação de regozijo espalhou-se pela alma de Schiller. Os seus olhos assumiram um ar jovial, e assim se reconciliou totalmente com Pirogov. «O oficial russo é um homem inteligente», pensou com os seus botões.

— Sendo assim, presumo que me possa fazer uma bainha, por exemplo, para um punhal ou algo do género?

— Certamente que sim — disse Schiller com um sorriso.

— Então, faça-me uma bainha para um punhal. Eu trago-lho. Tenho um punhal turco de excelente qualidade, mas gostaria de ter uma bainha diferente.

Schiller foi como que fulminado por um raio. Subitamente, franziu o cenho. «Lá está tu!» pensou, recriminando-se intimamente por ter aceite mais trabalho. Mas achava que agora seria desonroso recusar, além disso, o oficial russo elogiara o seu trabalho. Abanando ligeiramente a cabeça, acabou por concordar, mas o beijo que Pirogov descaradamente deu nos lábios da bela loira lançou-o num total estado de perplexidade.

Creio que não será supérfluo elucidar o leitor um pouco mais sobre a personalidade de Schiller, que era um perfeito alemão, no sentido lato da palavra. Desde os vinte anos, aquela idade de ventura em que os russos vivem despreocupadamente, Schiller já regulamentava toda a sua vida, e não abria excepções sob desculpa alguma. Resolvera-se a levantar-se às sete horas, almoçar às catorze, ser rigoroso em todos os seus actos e embebedar-se aos domingos. Assumira o compromisso de reunir um capital de cinquenta mil rublos em dez anos, e isso era algo

tão certo e irresistível como o próprio destino, porque é mais fácil um escrivão esquecer-se de, no respectivo dia festivo, deixar a assinatura na portaria do seu superior do que um alemão voltar atrás com a sua palavra. Não iria, em caso algum, aumentar as despesas, e se o preço da batata subisse demasiado em comparação com o que é normal, ele não gastaria nem mais um copeque, optando antes por reduzir a quantidade de batatas adquiridas, pelo que era frequente passar alguma fome, algo a que, contudo, se habituara. O seu rigor assumia tais contornos que decidira não beijar a mulher mais do que duas vezes por dia, e, para evitar beijá-la inadvertidamente mais do que isso, nunca deitava mais do que uma colher pequena de pimenta na sopa. No entanto, aos domingos, esta regra não era seguida com tanto rigor, pois nesse dia da semana Schiller bebia duas garrafas de cerveja e uma garrafa de vodca de semente de alcaravia que, no entanto, reprovava sempre. A beber, não era como os ingleses, que fecham a porta após o almoço e se embebedam sozinhos. Pelo contrário, alemão de gema que era, bebia sempre com inspiração, na companhia do sapateiro Hoffmann ou do carpinteiro Kuntz, também ele alemão e grande bebedor. Era este o carácter do notável Schiller, que assim se encontrava numa posição deveras complicada. Embora fosse fleumático e alemão, o comportamento de Pirogov despertava nele um sentimento que roçava o ciúme. Por mais voltas que desse à cabeça, não conseguia descortinar como poderia livrar-se deste oficial russo. Entretanto, Pirogov, ao fumar o cachimbo no seu círculo de camaradas (quer a Providência que onde haja oficiais também haja cachimbos), indiciou com um sorriso de deleite um namorico com uma jovem alemã com quem, segundo as suas palavras, já tinha uma relação de intimidade e que, efectivamente, não perdera a esperança de atrair para si.

Certo dia, enquanto deambulava pela Rua Meshchanskaya, não parava de olhar de relance para o edifício ornado com a tabuleta de Schiller, com os seus bules e samovares. Para seu regozijo, vislumbrou a cabeça da loira a espreitar pela janela e a ver quem passava. Parou, acenou-lhe com a mão, e disse:

— *Guten Morgen!* — A loira cumprimentou-o como a um conhecido.

— Diz lá, o teu marido está em casa?

— Está — respondeu a loira.

— E quando é que não vai estar?

— Não está em casa aos domingos — respondeu a estúpida loira.

«Nada mau», pensou Pirogov com os seus botões, «tenho de aproveitar a oportunidade.»

Assim, no domingo seguinte, sem apelo nem agravo, apresentou-se diante da loira. De facto, Schiller não estava em casa. A bela anfitriã assustou-se, mas desta vez Pirogov adoptou um comportamento assaz prudente, tratando-a com toda a deferência, e, ao fazer uma vénia, exibiu toda a beleza da sua cintura em boa forma. Dizia gracejos galantes e respeitosos, mas a estúpida alemã limitava-se a responder com monossílabos. Por fim, depois de tentar por todos os meios e constatando que nada a demovia, convidou-a para dançar. A jovem alemã aceitou imediatamente, porque as alemãs estão sempre prontas para dançar. Pirogov tinha grandes esperanças nesta dança. Em primeiro lugar, porque era algo de que ela gostava, em segundo, porque serviria para revelar a sua figura e a sua habilidade, em terceiro, durante a dança teria a oportunidade de se aproximar e de abraçar a bela alemã, e deste modo abrir caminho para o resto. Em suma, o resultado seria o sucesso completo. Começou com uma espécie de gavota, pois sabia que as mulheres alemãs precisam de avançar gradualmente. A bela alemã colocou-se ao centro da sala e levantou o pezinho encantador. Pirogov ficou de tal modo encantado com esta postura que se lançou a ela para a beijar. A alemã desatou a gritar, aumentando ainda mais a sua formosura aos olhos de Pirogov, que a encheu de beijos. Subitamente, a porta abriu-se e entraram Schiller, Hoffmann e o carpinteiro Kuntz. Estes respeitáveis alemães vinham bêbados como cachos.

Deixarei que o leitor calcule por si mesmo a fúria e a indignação de Schiller.

— Seu bandido! — bradou, totalmente enraivecido. — Como te atreves a beijar a minha mulher? És um biltre, não um oficial russo. Com os diabos, Hoffmann, meu amigo, eu sou um alemão, não um porco russo!

Hoffman respondeu afirmativamente.

— Oh, cornos é coisa que não quero! Agarra-o pelo colarinho, amigo Hoffmann, eu não o faço — prosseguiu, esbracejando violentamente, e o seu rosto assumira uma tonalidade próxima da flanela vermelha do seu colete. — Há oito anos que moro em Petersburgo, a minha mãe está na Suábia e o meu tio em Nuremberga. Sou alemão, e não um bife cornudo! Que se dane, Hoffmann, meu amigo! Agarra-o pelos braços e tu pelas pernas, camarada Kuntz!

E os alemães agarraram Pirogov pelos braços e pelas pernas.

Em vão, tentou afastá-los, mas os três artesãos eram os mais vigorosos de entre todos os alemães de Petersburgo, e foi de tal modo rude e indelicado o seu comportamento para com ele que devo confessar não encontrar palavras para descrever este triste acontecimento.

Tenho a certeza de que, no dia seguinte, Schiller apresentava uma febre elevada, que tremia como uma vara verde, aguardando a chegada da Polícia a qualquer instante, e só Deus sabe o ele daria para que os acontecimentos do dia anterior não passassem de um pesadelo. Mas o que está feito, feito está. Nada se poderia comparar à raiva e indignação que Pirogov sentia. O simples facto de pensar naquela terrível ofensa fazia-o transbordar de fúria. Achava que a Sibéria e o chicote eram castigos demasiado leves para Schiller. Correu para casa a fim de, depois de mudar de roupa, ir direito contar ao general com a maior veemência possível, a violência de que fora vítima. Era também seu intento apresentar uma queixa escrita ao Estado-Maior. E, caso a sentença proferida pelo Estado-Maior não fosse suficiente, dirigir-se-ia ao Conselho de Estado ou, quiçá, ao próprio soberano.

Porém, todo este caso teve um desfecho estranho: a caminho, parou numa pastelaria, comeu dois pastéis de massa folhada, passou os olhos pelo *Severnaia Ptchela*⁸, e saiu de lá mais tranquilo. Além disso, o ar fresco e agradável da noite levou-o a dar um pequeno passeio pela Nevsky Prospekt. Por volta das vinte e uma horas, acalmou-se e decidiu que não seria de bom-tom incomodar o general ao domingo, e ele fora certamente convidado para algum sítio, pelo que se decidiu a ir um serão organizado por um dos directores do Gabinete de Controlo, onde havia uma agradável reunião de funcionários e oficiais. Passou lá uma noite muito agradável, e de tal modo se destacou na mazurca que fez as delícias de damas e cavalheiros.

«É admirável a forma como as coisas acontecem», pensava eu enquanto descia a Nevsky Prospekt há dois dias, ao evocar na memória estes dois acontecimentos. «Como são estranhas e inconcebíveis as partidas que o destino nos prega! Será que alguma vez conseguimos aquilo que desejamos? Será que alguma vez almejamos aquilo para que, aparentemente, as nossas forças foram preparadas? Tudo acontece ao contrário. Àquele, o destino concedeu magníficos cavalos, porém, monta-os com indiferença, sem sequer reparar na sua beleza, enquan-

⁸ «Abelha do Norte», jornal publicado em São Petersburgo entre 1825 e 1859. [N. do T.]

to aquele outro, cujo coração palpita de paixão pelos equídeos, anda a pé e se contenta em estalar a língua quando por ele passa um trotador. Este tem um excelente cozinheiro, mas infelizmente uma boca tão pequena que não consegue engolir mais do que dois acepipes, aquele tem a boca do tamanho do arco do Estado-Maior, só que, lamentavelmente, tem de contentar-se com um almoço alemão à base de batata. Como é estranho o modo como o destino brinca connosco!»

Todavia, o mais estranho de tudo são os eventos que ocorrem na Nevsky Prospekt! Oh, não creiam nessa Nevsky Prospekt! Quando por ela perambulo, aconchego-me sempre mais na minha capa e tento não olhar para os objectos que nela encontro. Tudo não passa de um logro, tudo não passa de um sonho, nada é o que parece ser! Pensam que este cavalheiro que por aqui anda com uma requintada sobrecasaca é muito abastado? Nada disso: a sobrecasaca constitui o âmago de todas as suas posses. Acham que estes dois homens anafados que se detiveram junto à igreja que está a ser construída estão a debater a sua arquitectura? Nada disso: estão a conversar sobre o modo inusitado como dois corvos pousaram um em frente ao outro. Pensam que este fanático a esbracejar está a falar sobre a sua mulher que atirou pela janela uma pequena bola a um oficial totalmente desconhecido? Nada disso: está a falar sobre Lafayette. Pensam que estas damas... acima de tudo, desconfiem das damas. Olhem menos para as montras das lojas, pois as bugigangas que aí apresentam são belíssimas, porém, os seus custos são elevadíssimos. Que Deus os guarde de espreitarem por debaixo dos chapéus das damas! Por demais graciosa que seja a capa de uma dama drapejando nas suas costas, jamais a seguirei por curiosidade. Por amor de Deus, passem longe, o mais longe possível do candeeiro de rua! Passem depressa, o mais depressa possível. Terão muita sorte se ele apenas vos derramar em cima da sobrecasaca o malcheiroso óleo. Mas, juntamente com o candeeiro, tudo o mais emana o odor da ilusão. Esta Nevsky Prospekt finge constantemente, sobretudo quando a noite sobre ela pousa a sua densa massa e tolda as alvas e amarelentas paredes das casas, quando toda a cidade se transforma em troar e fulgor, miríades de carruagens se precipitam pelas pontes, e os postilhões rugem e espicaçam os cavalos, e o diabo em pessoa vem acender os lampiões só para que todas as coisas assumam contornos ilusórios.